

DEPOIS DE BABEL ● Wolney Unes

Professor da Escola de Música e Artes Cênicas da UFG

Steiner, George - DEPOIS DE BABEL. Tradução de Carlos Alberto Faraco

(Editora da Universidade Federal do Paraná, 2006) 533 páginas.

Trinta anos depois, eis que surge no Brasil a primeira edição de *Depois de Babel*, do lingüista francês George Steiner.

Nesta forma tradicional de iniciar uma resenha, tão inocente quanto pareça esta frase, ela contém vários problemas: no caso de Steiner, como definir lingüista, francês e primeira edição?

Em primeiro lugar, é difícil caracterizar Steiner como lingüista. E a questão não estaria resolvida mesmo que tivéssemos escrito crítico literário, jornalista ou professor. Estamos aqui diante daqueles intelectuais que usam seu objeto central de estudo como um instrumento, à maneira de um par de óculos com o qual percebem o mundo, como diria Gadamer. Para um intelectual desta cepa, o estudo, no caso de Steiner, da literatura é válido em primeiro lugar por permitir apropriar-se do significado do mundo e de suas referências.

Se, além disso, este intelectual é da vertente renascentista, como Steiner, então a literatura adquire maior valor quando em contato com a linguagem, a música, a história ou mesmo a biologia; a lista é longa. O próprio Steiner não gosta de se associar a uma disciplina específica e prefere se definir como um “mestre de leitura”. Ou, em outras palavras, alguém que ensina a ler o mundo.

E, na digressão de Steiner por Babel, o ponto de partida é a biologia. O professor de leitura inicia a construção de seu edifício tratando do evolucionismo e aplicando-o às teorias acerca da diversidade dos idiomas no planeta. A diversidade da fauna e da

flora, já o demonstrara Darwin, é condição necessária à adaptação das espécies às diferentes regiões e climas do planeta. Mas o mesmo não acontece com a linguagem: “a sintaxe do esquimó é adequada ao Saara”, lembra Steiner. Não há nada em um idioma que demonstre ser aquele o mais adequado para uso em uma determinada região. E Steiner conclui que na verdade a diversidade de idiomas é fator negativo: “Longe de ser econômica e demonstravelmente vantajosa, a imensa quantidade e a variedade de línguas, aliadas ao fato da mútua incompreensão, constituem um poderoso obstáculo ao progresso material e social da espécie”.

Se estamos diante de fenômeno tão deletério, por que razão a humanidade teria desenvolvido idiomas tão distintos? Ou então: como teria conseguido a humanidade se desenvolver em grandes grupos culturais com todas as dificuldades de compreensão mútua entre as tribos?

Steiner se dedica à busca da resposta para esta e outras questões ao longo das mais de 500 páginas de seu estudo sobre “linguagem e tradução”, como o subtítulo sugere. Talvez por isso, tradicionalmente *Depois de Babel* é associado à teoria da tradução, mas em poucos momentos Steiner trata diretamente deste assunto. Assim, aquele que se aproximar da obra de Steiner em busca de um manual ou compêndio de tradução certamente se decepcionará. Steiner quase nem usa o termo em seu livro, mas a tradução perpassa todo o texto. Apenas no “Epílogo” é que Steiner confirma o que o leitor já terá percebido: a tradução está implícita mesmo na comunicação mais rudimentar. Somos todos tradutores. Sempre.

No caminho até Babel, poucos são os recônditos do conhecimento humano não visitados. Por isso mesmo, é inevitável a lembrança de Curtius e sua *Literatura européia e Idade Média latina*, seja pelo escopo, seja pela abrangência, seja pela infinidade de questões que se levantam. À maneira do mestre alemão, Steiner descobre inter-relações onde ninguém as havia visto anteriormente. A metáfora do crítico norte-americano Daniel Hahn acerca de *Depois de Babel* diz tudo: “Steiner garimpa seus exemplos em toda parte, geográfica e cronologicamente, e cobre largas porções do território humano em seu caminho”.

Mas, mesmo misturando poesia grega com lógica, o livro de Steiner é definitivamente acessível ao leitor comum. Não é necessário ter jamais refletido sobre língua ou linguagem para que as questões levantadas

despertem a curiosidade do leitor. E depois de *Babel* o leitor jamais será o mesmo, jamais voltará a ficar indiferente aos fenômenos da linguagem.

E aqui chegamos à nossa segunda questão: a nacionalidade do autor. Falar de Steiner como um francês soa tão despropositado como buscar fronteiras intelectuais na Europa renascentista. Steiner nasceu na Paris do entre-guerras, mas dividiu sua formação entre dois pólos do pragmatismo anglo-saxão, Harvard e Oxford. Depois disso, Steiner passou por Princeton, Cambridge, Genebra e Nova York. No caminho, recebeu a comenda da Legião de Honra francesa e nunca deixou de carregar dentro de si a herança paterna vienense.

Steiner é um intelectual do Ocidente. Mesmo que tradicionalmente excluído pelo Atlântico Norte, o hemisfério sul faz parte desse caldeirão. E por isso devemos saudar a chegada, mesmo com trinta anos de atraso, da edição brasileira.

E já nos aproximamos de nossa última questão. Diante de uma obra como *Depois de Babel*, não parece ser conveniente falar em primeira edição brasileira. Mesmo que tenha estado ausente da bibliografia básica de grande parte dos cursos de tradução, mesmo que nunca tenha feito parte da bibliografia dos cursos de teoria literária, durante essas décadas o texto circulou entre intelectuais nacionais mais rebeldes, menos afeitos às amarras acadêmicas. Dessa circulação, por assim dizer, clandestina, *Babel* escreveu sua própria trajetória no País.

Sim, pois *Depois de Babel* é daquelas obras que constroem a própria história e torna-se, essa história, ela mesma digna de atenção. Na leitura da apresentação o autor lembra que sua obra foi fruto de um período em que esteve “marginalizado e isolado” da comunidade acadêmica internacional. O mesmo vale para a acolhida de seu pensamento lingüístico, tanto no exterior como no Brasil.



E aqui não deixamos de ter nossa pontinha de contentamento ao ver que na província goiana não estamos sós: mesmo no *jet set* acadêmico internacional aquele que se arrisca a fazer o inaceitável cruzamento entre áreas tradicionalmente estanques recebe o repúdio dos respectivos especialistas. Críticos literários se chatearam por Steiner ter-lhes roubado o feudo do mesmo modo que lingüistas lhe fizeram acusações por não ter-se atido à literatura. Essa recepção de *Depois de Babel* evidencia a preocupação maior e a qualidade do pensamento de grande parte da classe acadêmica.

Mas a obra sobreviveu e agora ganha sua edição brasileira pela editora da Universidade Federal do Paraná, o que torna a edição, por assim dizer, academicamente oficial. Agora fica um pouco mais incômodo para a academia nacional ignorar o monumento. Sorte a nossa. ✨